



# Clipping Nacional

de

# EDUCAÇÃO

Brasília, 14 de Agosto de 2019

**Pela educação**

Milhares de pessoas foram às ruas ontem, em todo o país, para participar de atos em defesa da educação e contra a reforma da Previdência. As manifestações, pacíficas, foram registradas em pelo menos 85 cidades dos 26 Estados e do Distrito Federal. Foi a terceira mobilização nacional em defesa da educação desde maio, quando o governo do presidente Jair Bolsonaro anunciou cortes na área. A primeira foi em 15 de maio e a segunda, em 30 de maio. Em São Paulo, os manifestantes reuniram-se no vão do Masp, na Avenida Paulista, convocados pela UNE e a Ubes. Sindicatos de professores e centrais sindicais também participaram do ato.

## Protestos por Educação têm críticas ao Future-se e à gestão do MEC

*Organizados por entidades de estudantes, professores e sindicatos, atos aconteceram em todos os estados e no DF, e fizeram ressalvas ao recém-lançado programa para universidades*

MATEUS CAMPOS E  
GUILHERME CAETANO  
RIO E SÃO PAULO

Dezenas de cidades de todo o país registraram ontem protestos contra os cortes anunciados pelo governo federal na área da Educação. Além da União Nacional dos Estudantes (UNE), o "3º Grande Ato em Defesa da Educação" foi convocado pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) e por sindicatos da área.

Segundo o portal G1, foram realizados protestos em 85 cidades, em todos os estados da federação e no DF. Já a UNE diz que 200 cidades tiveram manifestações. Milhares de pessoas se reuniram no centro do Rio e de São Paulo para protestar, entre outras pautas, contra o Future-se, programa lançado em julho pelo Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de reformar o ensino superior e os Institutos Federais (IF).

No Rio, estudantes, professores, sindicalistas e políticos de esquerda se concentraram na Candelária. O

presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Educação, Abraham Weintraub, foram os principais alvos das críticas. Até a conclusão desta edição, eles não haviam se manifestado sobre os atos.

### ATO FECHA A PAULISTA

Revezando-se ao microfone, representantes das entidades que organizaram o protesto apontavam que o Future-se pretende privatizar o ensino universitário.

— Na prática, com o Future-se, o governo federal quer se eximir das responsabilidades que ele tem com o ensino superior — queixou-se Tainá de Paula, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro.

Batizado de "tsunami da educação" pelos manifestantes, o ato seguiu sob chuva pelas duas faixas da avenida Rio Branco até a sede da Petrobras, na Almirante Barroso. Com palavras de ordem, os manifestantes também criticaram a Reforma da Previdência e privatizações. Procuradas, tanto a Polícia Militar quanto a organização do protesto não estimaram o número de presentes no Rio.

Na capital paulista, os manifestantes se reuniram em frente ao Museu de Arte de São Paulo

(Masp) e, no fim da tarde, chegaram a fechar os dois sentidos da avenida Paulista. Às 18h, o bloqueio começava na avenida Brigadeiro Luis Antônio.

A aglomeração de estudantes, professores e sindicalistas ocupou as quadras do Masp até a Praça do Ciclista e seguiu para a Praça da República. Por lá, também foram vistos ataques ao Future-se. A UNE diz que o programa foi "construído sem nenhum debate prévio com os setores que compõem a universidade".

— A essência do projeto é que ele propõe para a universidade uma certa dependência, do ponto de vista da captação financeira, em relação ao setor privado. Temos visto que o financiamento público da universidade tem diminuído. Já chegou a patamares preocupantes. Isso pode prejudicar a autonomia da universidade — afirmou Iago Montalvão, presidente da UNE e estudante de Economia da Universidade de São Paulo (USP).

Montalvão afirmou que o MEC só recebeu as entidades para conversar sobre o contingenciamento após muita insistência e que "o diálogo foi pouquíssimo proveitoso".

Opinião do Globo ::  
**Estratégico**

*ENTRE TANTAS notícias negativas na área da Educação, é bom saber que a implementação do novo formato do ensino médio avança em alguns estados.*

*ESTA REFORMA pode acabar com várias deficiências que levam a uma alta evasão de alunos. Do seu êxito vai depender se o Brasil conseguirá elevar sua produtividade pela qualificação dos jovens.*

## **Presidente vai inaugurar escola com seu nome no PI**

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) desembarca nesta quarta (14) em Parnaíba (335 km de Teresina) para cumprir agenda cercada de simbolismos para o primeiro militar à frente da Presidência da República desde o fim ditadura militar (1964-1985).

Na segunda maior cidade do Piauí, o presidente vai inaugurar uma escola erguida pelo Sesc (Serviço Social do Comércio) que seguirá modelo de ensino militarizado, uma das principais bandeiras do presidente, e que se chamará Escola Presidente Jair Messias Bolsonaro.

O presidente participa ainda da inauguração de uma avenida batizada com o nome do general João Baptista Figueiredo, último dos presidentes da ditadura.

Nos dois atos, Bolsonaro será ciceroneado por um antigo aliado: o ex-governador do Piauí (1994-2001) e atual prefeito de Parnaíba Francisco de Moraes Souza, o Mão Santa (SD).

Mão Santa foi governador do Piauí de 1995 a novembro de 2001, quando foi cassado por abuso de poder econômico nas eleições.

## Bolsonaro vai ao Piauí inaugurar escola militarizada com seu nome



Roteiro. Ida de Bolsonaro a Parnaíba está marcada para hoje

*Colégio em Parnaíba é administrado pelo Sesc; será terceira viagem do presidente ao Nordeste em menos de um mês*

Julia Lindner / BRASÍLIA

O presidente Jair Bolsonaro deve participar hoje da inauguração de uma escola militarizada batizada com o seu nome em Parnaíba (PI). Ele fará a visita acompanhado do prefeito da cidade, Francisco de Moraes Souza, o Mão Santa (MDB), primeiro governador cassado do País por acusações de corrupção. Durante a viagem ao Piauí, também está prevista a participação de Bolsonaro na inauguração de uma avenida com o nome do ex-presidente João Figueiredo, que governou o Brasil durante a ditadura militar (1979-1985).

A visita inclui, ainda, um sobrevoo na região das obras do projeto de agricultura irrigada dos Tabuleiros Litorâneos. Em junho, Mão Santa esteve em Brasília para pedir o apoio de Bolsonaro e mais recursos ao projeto. Os dois são aliados desde o período de pré-campanha eleitoral, em 2017, quando Mão Santa foi cotado como vice na chapa de Bolsonaro. Na época, o então deputado chamou a sua relação com Mão Santa de "namoro hétero", como costuma se referir aos principais aliados. Esta é a terceira vez em um mês que Bolsonaro viaja ao Nordeste. Nas últimas semanas, ele esteve em Vitória da Conquista e Sobradinho, na Bahia.

As idas ocorrem após o presidente ter criticado os governadores da região – a maioria de partidos de oposição. Em entrevista ao Estado, Bolsonaro disse que eles agiriam para "dividir o País".

Críticas. A escola erguida pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) foi alvo de críticas de opositores no Piauí por ser batizada com o nome de uma autoridade viva. O nome será Escola Presidente Jair Messias Bolsonaro, de acordo com informação da assessoria de imprensa do Sesc no Piauí. Ao Estadão/ Broadcast, a assessoria também confirmou a ida de Bolsonaro à inauguração.

De acordo com a Lei 6.454, de 24 de outubro de 1977, "é proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da Administração indireta". Em entrevista, o presidente do conselho regional do Sesc- PI, Valdeci Cavalcante, defende que a instituição, assim como a Fecomércio (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo), faz parte do setor privado, portanto não se enquadraria na regra.

"Como pessoa do direito privado, pode homenagear qualquer pessoa", justificou Cavalcante. Além de ministros do governo, senadores como Ciro Nogueira (PP-PI) e Elmano Férrer (Podemos-PI) vão acompanhar a visita presidencial ao Estado. A assessoria de imprensa de Bolsonaro não detalhou oficialmente qual será a agenda da viagem do presidente.

## UNE faz terceiro protesto contra cortes da Educação

*Atos em todo o País também tiveram conotação política e focaram no presidente Jair Bolsonaro*

A União Nacional dos Estudantes (UNE) realizou ontem manifestações em várias regiões do País para protestar contra os cortes de verba na Educação. Os estudantes defenderam ainda a autonomia das universidades e criticaram o programa Future-se, do Ministério da Educação (MEC), que visa a atrair recursos privados para as instituições e regulamentar a participação das organizações sociais na gestão do ensino superior. O "3.º Grande Ato em Defesa da Educação" ocorreu, segundo a UNE, em 150 cidades dos 26 Estados e no Distrito Federal.

Os dois primeiros protestos, em 15 e 30 de maio, tiveram participação maior. Sob garoa fina e intermitente, manifestantes foram do vão-livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp) até a Praça da República, na região central paulistana. Não houve balanço oficial de público. "A população está mais indignada, porque os efeitos dos cortes na Educação começam a aparecer", disse o presidente da

UNE, Iago Montalvão. Ele ressaltou que o protesto também era motivado por atos recentes do presidente Jair Bolsonaro, como a demissão do diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Ricardo Galvão. "Negam a ciência." No Rio, com foco na Candelária, um dos principais alvos foi o projeto Future-se – na semana passada, a Universidade Federal do Rio (UFRJ) rejeitou aderir à proposta.

Mas tanto na capital fluminense quanto em outros Estados participaram grupos com outras bandeiras, sobretudo políticas, como "Lula livre". Nas manifestações, havia militantes do PT e de outros partidos de esquerda, além de sindicatos. Nas redes. Às 10h30, as manifestações dessa terça eram o assunto mais comentado no Twitter Brasil com as hashtags #Tsunami13Agosto e #TsunamiDaEducação. Nas redes sociais, nem Bolsonaro nem o ministro da Educação, Abraham Weintraub, comentaram. / TULIO KRUSE, FÁBIO GRELLET, FELIPE CORDEIRO, GABRIEL WAINER e HELIANA FRAZÃO e LUCAS RIVAS, ESPECIAL PARA O ESTADO



Na Paulista. Estimativa de organização é de que 200 mil tenham ido ao ato; mobilizações anteriores atraíram mais pessoas

## Defesa da educação



Além do bloqueio de recursos, estudantes e professores criticam o programa Future-se, do MEC

*Manifestações contra cortes de verba no ensino público são realizadas em 95 cidades de 25 estados. Movimentos também miram reforma da Previdência. Em Brasília, mulheres indígenas vão à Esplanada e reforçam dia de reivindicações*

MARIA EDUARDA CARDIM  
LUIZ CALCAGNO

Pelo menos 9 mil manifestantes tomaram a Esplanada dos Ministérios na manhã de ontem, para protestar contra os cortes na educação, contra a reforma da Previdência e pela visibilidade das mulheres indígenas. Os números são

da Polícia Militar do Distrito Federal. Segundo a corporação, foram 5 mil representantes de etnias ameríndias e outros 4 mil entre professores e estudantes de escolas públicas, universidades e institutos federais de educação. Grupos que vieram para o Distrito Federal participar da Marcha das Margaridas, marcada para hoje, também desceram para o centro.

Segundo levantamento da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), os protestos contra a redução de verbas na educação se alastraram por 95 municípios de 25 estados, além da capital federal. Em

São Paulo (SP), o movimento aconteceu à tarde. O ponto de encontro foi o Museu de Arte de São Paulo e, por volta de 16h, manifestantes fecharam a Avenida Paulista. No Rio de Janeiro (RJ), os manifestantes saíram em passeata da Universidade Federal Fluminense, Instituto Federal Fluminense e Universidade Estadual Nortefluminense rumo ao Pelourinho.

Os protestos se espalharam, ainda, por Manaus, Fortaleza, Vitória e diversas outras capitais e municípios interioranos. No DF, porém, por reunir várias categorias, o encontro contou com manifestantes de vários estados. Um dos principais alvos foi o programa Future-se, lançado em 17 de julho, que tem o objetivo de aumentar a autonomia financeira e administrativa de universidades e institutos federais. Tanto estudantes quanto professores se disseram contrários.

A estudante de doutorado do Programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB), Larissa Leão, 30 anos, está entre os críticos do programa do governo. “São vários motivos, mas vim para defender a educação e combater o Future-se, que tende a sucatear as universidades públicas”, avaliou. A primeira vice-presidente do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), Qelli Rocha, 38 anos, por sua vez, disse que o programa é um





retrocesso e um processo de privatização das universidades públicas.

“Aderimos ao movimento e contribuimos na construção dele, porque queremos denunciar. Primeiro, vieram os cortes, que farão as universidades pararem de funcionar a partir de setembro, e, depois, esse discurso. Com esse cenário de degradação do espaço público, fica mais fácil construir um discurso de necessidade de privatização”, avaliou a representante, que também é professora da Universidade Federal de Mato Grosso.

Qelli disse acreditar que as atitudes do atual governo, nos primeiros sete meses, mostram a intenção de desvalorizar a educação pública e construir um projeto privatista da educação. “Isso significa deixar grande parte da população assalariada à margem das universidades”, considera. A vice-presidente da União Nacional dos Estudantes (Une), Regina Brunet, por sua vez, falou em “mobilização permanente”. “O governo está apresentando um programa antipovo, e nós somos o povo”, afirmou.

#### Marcha

Conselheira da Associação Indígena da Aldeia Maracanã, Luakan Anambé, da etnia Anambé, do Pará, falou sobre a importância da marcha das mulheres indígenas. Segundo a liderança, a intenção é dar voz aos grupos de mulheres indígenas e chamar a atenção para o genocídio dos povos. “Fizemos uma viagem maravilhosa. A primeira marcha ocorre para termos visibilidade, voz e fala. A mulher indígena é muito discriminada, e temos que chamar a atenção das mulheres do contexto urbano para a nossa situação”, disse.

Luakan explicou que o preconceito e a violência contra mulheres indígenas são antigos. “Desde a invasão do homem branco, viemos perdendo a visibilidade. Tem um genocídio acontecendo no nosso meio. Com o novo governo, nossos caciques estão morrendo. E eles são uma força grande. Quando morrem, você desarticula o resto da comunidade. Perdemos parte da cultura, do dialeto, da nossa língua”, lamentou.

## FUNCIONALISMO »

### Ebserh tem 2.000 vagas

Empresa procura banca organizadora para duas seleções. Oportunidades em hospitais universitários de todo o país são para médico em várias especialidades, profissionais da área assistencial e administrativa. Propostas serão aceitas até 27 de agosto

» Victória Olímpio\*



O Hospital Universitário de Brasília está entre as unidades que receberão profissionais concursados

A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) está com dois chamamentos públicos abertos para contratação de banca organizadora para dois concursos, com 2 mil vagas em 40 hospitais universitários federais.

A primeira seleção será para contratação de 1.363 profissionais para 40 unidades em todo o país, incluindo hospitais, complexos hospitalares e a sede da Ebserh, em Brasília. São previstas 448 oportunidades para médicos de 69 especialidades, 800 para profissionais da área assistencial e 115 administrativos.

Já a segunda tem 887 vagas para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). São 173 para médicos de 71 especialidades, 614 para a área assistencial e 100 administrativos.

Nos dois certames, os candidatos passarão por duas etapas de seleção: prova objetiva e análise de títulos e de experiência profissional. A Ebserh receberá propostas das empresas interessadas em organizar os concursos até 27 de agosto. O objetivo é que os editais sejam publicados ainda neste semestre.

De acordo com o diretor de Gestão de Pessoas da Ebserh, Rodrigo Barbosa, a empresa não conta com cadastro reserva vigente e há um déficit de, aproximadamente, 20% no quadro de pessoal.

“A realização desse concurso nacional é orientada por três principais fatores: a substituição de pessoal de Regime Jurídico Único, que se aposenta, e de pessoal que tem o chamado vínculo precário — pessoas ligadas às fundações universitárias — por celetistas. Além de reduzir a alta rotatividade de profissionais da área de saúde, pois isso prejudica os serviços que são prestados”, explicou Barbosa.

\* Estagiária sob a supervisão de Rozane Oliveira

## EDUCAÇÃO »

### Presos vão reformar mobiliário



Material jogado nos fundos de um dos prédios da Secretaria de Educação, no Sestor de Indústria e Abastecimento

*Homens atendidos pela Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso (Funap) vão fazer reciclagem de carteiras, mesas e cadeiras de escolas públicas do Distrito Federal abandonados há anos em um dos prédios do GDF*

» Pedro Canguçu\*

\* Estagiário sob supervisão de Renato Alves

Presidiários vão reciclar as carteiras, mesas e cadeiras de escolas públicas do Distrito Federal. As que tiverem em condições, serão reutilizadas em colégios e creches.

As demais serão descartadas ou leiloadas. São milhares de peças acumuladas ao longo de anos e jogados ao nos fundos de um dos prédios da Secretaria de Educação.

A pasta tem uma oficina de reciclagem de materiais, mas ela não dá conta da demanda. Por isso, ela firmou uma parceria com a Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso (Funap), o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) e a Secretaria da Fazenda.

“Os materiais que eram jogados de lado poderiam criar mosquitos da dengue. Então, recolhemos os

móveis e os trouxemos para cá, para depois serem reciclados”, contou o secretário de Educação, Rafael Parente, se referindo à sede 3 da pasta, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA).

Ainda vai demorar ao menos 50 dias para os móveis estragados do prédio e serem levados aos órgãos onde serão analisados e reciclados, se for o caso. A Secretaria de Educação não informou quando a reciclagem terminará, quantos detentos vão fazer o trabalho nem quanto o GDF vai repassar à Funap.

Como não há prazos, novos mobiliários serão comprados para atender a creche de Samambaia, por exemplo, fechada por falta de material. “Se a gente conseguir acelerar a reciclagem, vai precisar comprar menos material para as novas escolas e creches que serão entregues nos próximos anos”, afirmou Parente.

O governador Ibaneis Rocha (MDB) esteve na cerimônia de anúncio da parceria. “Vamos reformar as cadeiras seguindo o conceito do modelo atual para evitar compras. Além disso, prevemos que, no próximo ano, o número de matrículas nas escolas do DF vai aumentar”, ressaltou.

## Escolas bilíngues

» Mariana Machado

Alunos do Centro de Ensino Médio 3 (CEM 3) de Taguatinga passarão a escutar “buenos días” com frequência. Eles serão os primeiros a fazer parte do projeto Escola Intercultural Bilíngue (EIB), do GDF, em parceria com a Embaixada da Espanha, que vai fornecer livros, mapas e material necessário.

Para o vice-diretor do colégio do CEM 3, Antônio di Lélis, a novidade é bem-vinda. “Houve conversas com pais, alunos e professores. Criou-se uma expectativa legal e vamos abraçar a causa”, ressaltou. Inicialmente, apenas três turmas de período integral terão o benefício. Os 120 alunos do 1º ano do ensino médio passam a ter quatro aulas semanais de espanhol (antes eram apenas duas). “É um processo gradativo. Todos os setores passarão pela mudança, desde o cumprimento do porteiro na entrada dos jovens, até o cardápio na cantina. Em tudo, os nomes estarão em português e espanhol”, garantiu Antônio.

Os professores serão treinados por meio de aulas on-line da Universidade de Salamanca. Embaixador da Espanha, Fernando García Casas destacou a parceria como uma primeira contribuição espanhola aos 60 anos de Brasília, celebrados em 2020. “O DF é um lugar para morar, se apaixonar e viver a cultura. Dos países que fazem fronteira com o Brasil, sete falam espanhol, então queremos facilitar essa convergência de idiomas. Uma língua pode abrir a janela ao mundo”, comentou.

O Caseb também deve se tornar bilíngue a partir do ano que vem. “A gente começa implementação agora para que, daqui a três anos, metade das atividades seja na língua espanhola”, explicou o secretário de Educação, Rafael Parente. O inglês, no entanto, não será deixado de lado. “A gente quer que esses alunos das EIB sejam fluentes em três idiomas: português, inglês e uma terceira língua, que no caso da parceria com a Espanha, é o espanhol”, acrescentou. A França será a próxima a fechar um convênio com a Secretaria de Educação.



## Future-se: consulta pública ultrapassa 40 mil cadastrados

Por Agência Brasil\*  
undefined

Os cidadãos que pretendem contribuir para a construção do programa Future-se têm até as 23h59 do dia 15 de agosto para enviar as sugestões. A consulta pública já conta com mais de 43 mil pessoas cadastradas para contribuir com ideias ao programa. Desse total, o sistema registrou 14.265 comentários sobre ao menos um dos pontos da proposta. As sugestões da população serão consolidadas pelo Ministério da Educação (MEC) para aperfeiçoar o processo normativo.

Lançado em 17 de julho, o Future-se tem como objetivo dar autonomia na gestão das universidades e institutos federais. Para participar, é

preciso criar um cadastro com e-mail e CPF na plataforma da consulta pública, que pode ser acessada pelo portal do MEC. Somente os cadastrados podem enviar comentários sobre a proposta.

O processo tem duas etapas. Na primeira, o participante pode escolher três opções a cada capítulo: "totalmente claro", "claro com ressalvas" e "não está claro". Além disso, há espaço para incluir comentários por escrito no fim de cada capítulo. Já na segunda etapa, o participante pode ainda utilizar um campo de texto para fazer comentários gerais sobre o tema e ainda contribuir com propostas.

\* Com informações do Ministério da Educação

## País tem 3ª onda de protestos pela educação

Em atos menores que os anteriores, reforma da Previdência e outras bandeiras de Bolsonaro também foram alvos de crítica

São Paulo - A política educacional do governo do presidente Jair Bolsonaro (PSL) foi alvo, nesta terça-feira (13), de uma terceira onda de protestos em cidades por todo o país.

São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Recife, entre outras cidades, sediaram manifestações menores que as ocorridas em maio e junho. Os atos foram organizados por centrais sindicais e entidades do movimento estudantil contra os cortes promovidos pelo governo federal na área da educação, a reforma da Previdência e outras bandeiras governistas.

Segundo a União Nacional dos Estudantes (UNE), houve atos em 204 cidades, em praças, campus universitários e nas ruas. A entidade estima que os protestos tenham

reunido cerca de 900 mil pessoas pelo país. Em 15 de maio, a UNE havia identificado atos em cerca de 220 cidades.

As manifestações foram marcadas por críticas ao programa Future-se, que estimula captação de verba privada por universidades federais. No ato em São Paulo, uma faixa dizia: "Exterminador do futuro ou enganador do Future-se".

O protesto, um tanto esvaziado numa tarde fria e chuvosa, não poupou o presidente de xingamentos como "idiota".

O ex-ministro do Trabalho Luiz Marinho (PT), no alto do carro de som, disse que "inventaram até uma fachada para colocar ele [Bolsonaro] no Palácio do Planalto". "Estamos enfrentando não simplesmente um governo que pensa diferente de nós, mas um governo que quer implantar uma ditadura", afirmou.

Com os tradicionais balões das centrais sindicais, incluindo um com

o presidente com uma faixa laranja (referência ao suposto esquema de candidaturas de laranjas do partido de Bolsonaro) no peito, a manifestação ocupava cerca de dois quarteirões da avenida Paulista por volta das 17h30.

O protesto ganhou mais corpo com a chegada de estudantes secundaristas no início da noite. No entanto, o público não chegou perto daquele dos grandes protestos anteriores, e o ato terminou sem incidentes na praça da República.

Segundo Sérgio Nobre, secretário-geral da CUT (Central Única dos Trabalhadores), que estava lá também em apoio a professores e estudantes, as mudanças nas aposentadorias propostas pela reforma da Previdência são danosas aos trabalhadores.

Para o CTB (Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), há uma expectativa de que o Senado faça mudanças no texto da





reforma, enviada pela Câmara dos Deputados na última quinta (8).

"Vamos continuar nos mobilizando para que a reforma não tire dinheiro de quem precisa. Somos a favor de uma reforma que corrija as distorções da Previdência", afirmou Onofre Gonçalves de Jesus, dirigente nacional do CTB.

No Rio, manifestantes se reuniram em frente à Igreja da Candelária, no centro. Grupos de estudantes da rede pública entoaram gritos como "Sou estudante, não abro mão da Previdência e da educação" e "Trabalhador, tô do seu lado, nosso futuro não será privatizado".

Os manifestantes caminharam até o prédio da Petrobras, onde defenderam a valorização da estatal. Por volta das 19h, a chuva com fortes rajadas de vento contribuiu para que o ato dispersasse.

Em Brasília, as pautas eram as mesmas. Os organizadores da passeata estimaram a participação de 10 mil pessoas, dentre as quais, 2.000 indígenas que estão acampados na cidade. Já a PM contou 4.000 participantes. Todas as pistas do eixo monumental foram ocupadas pelos manifestantes, que seguiram em direção ao Congresso Nacional, onde se uniram à Marcha das Mulheres Indígenas.

A Força Nacional foi autorizada

a fazer a segurança dos arredores de prédios do Ministério da Educação e da Esplanada dos Ministérios, segundo decreto assinado pelo ministro Sergio Moro (Justiça). A UNE tentou barrar na Justiça a medida, mas o ministro Sérgio Kukina, do Superior Tribunal de Justiça, negou o pedido.

A manifestação, também diminuída, não chegou a passar em frente ao MEC, como era previsto. Bandeiras da CUT, PT, PSOL e PCO integraram o movimento.

Em Curitiba, um grupo segurava uma faixa com a inscrição #Morocriminoso no ato pela educação em frente à UFPR (Universidade Federal do Paraná), tradicional ponto de manifestações. O protesto foi coordenado pelo diretório acadêmico da federal, que estima participação de cerca de 5.000 pessoas.

O ato em Belo Horizonte mirou o programa Future-se, com críticas a uma ausência de debate com as universidades antes do lançamento. Milhares de manifestantes, boa parte estudantes da UFMG e do Cefet (Centro Federal de Educação Tecnológica), caminharam pela cidade no fim da tarde. A Polícia Militar de Minas Gerais não divulgou estimativa de público.

Houve ainda manifestações contrárias à reforma da Previdência. Parte dos cartazes e camisetas faziam

referência à campanha Lula Livre, pedindo a liberdade do ex-presidente, preso desde o ano passado em Curitiba.

Na capital gaúcha, o ato começou às 18h, na Esquina Democrática, ponto tradicional de protestos. Em uma performance artística, estudantes maquiados e segurando cartazes representavam o SUS, a educação, a reforma da Previdência e o meio ambiente. Entre eles, um "leiloeiro" questionava: "Quem dá mais?"

Em cartazes, era possível ler "Nossa arma é a educação", uma crítica à política de Bolsonaro sobre armas de fogo.

No Recife, a manifestação contra o bloqueio de verbas nas universidades federais reuniu estudantes, professores e integrantes de movimentos sociais no centro da cidade, que entoavam palavras de ordem contra Bolsonaro.

Trios elétricos participaram do protesto e as principais vias do centro ficaram engarrafadas. A Polícia Militar não informou a quantidade de manifestantes no ato.

Com reportagem em Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife





## MANIFESTAÇÕES CONTRA O GOVERNO DE JAIR BOLSONARO VÃO DE BRASÍLIA A LONDRES

Mulheres indígenas (ao lado) realizaram um protesto na manhã desta terça (13), em Brasília, contra políticas do governo Jair Bolsonaro (PSL) e em defesa das aldeias e terras. O ato faz parte da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. A Polícia Militar estimou cerca de 1.500 pessoas na marcha, enquanto os organizadores falam em 3.000. Não houve confusão. Já em Londres (acima), ativistas do clima do

grupo Extinction Rebellion jogaram tinta vermelha na embaixada brasileira na capital inglesa para protestar contra os danos à Amazônia e o que descreveram como "violência contra os povos indígenas que vivem lá". Duas pessoas subiram em um toldo acima da entrada da embaixada, enquanto outros dois subiram nas janelas. Havia pichações com frases como "ele não". A polícia foi chamada e deteve o grupo.



Pedro Ladeira/Folhapress





Peter Nicholls/Reuters